

# **TRABALHO, FORMAÇÃO DE TRABALHADORES E LUTAS SOCIAIS**

**no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente**



# TRABALHO, FORMAÇÃO DE TRABALHADORES E LUTAS SOCIAIS

no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente

**Organizadores:**

**LAURA SOUZA FONSECA**

**GRUPO TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA**



**Apoio:**



**UFRGS Gráfica**  
**Porto Alegre - 2017**

Gráfica da Universidade  
Rua Ramiro Barcelos, 2500 | Porto Alegre, RS, Brasil | CEP 90035-003  
Fone/fax +55 (51) 3308-5083 | grafica@ufrgs.br  
© Direitos reservados à Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Organização: Grupo Trabalho e Formação Humana  
Foto da Capa: Hamilton Rosa dos Santos, “*O Engraxate*”  
Diagramação da Capa: Mateus Ballardin.  
Contracapa: Grupo Trabalho e Formação Humana  
Orelhas: Grupo Trabalho e Formação Humana  
Diagramação: Grupo Trabalho e Formação Humana  
Revisão: Grupo Trabalho e Formação Humana  
Editoração: Grupo Trabalho e Formação Humana

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

**T758**

Trabalho, formação de trabalhadores e lutas sociais no campo da garantia de direitos à criança e ao adolescente / Laura Souza Fonseca, Grupo Trabalho e Formação Humana (organizadores). – Porto Alegre : Ed. UFRGS, 2017.

276 p.

ISBN: 978-85-9489-076-4

## UM DESAFIO PERMANENTE

Fernando Dillenburg

*O declínio [da burguesia] e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis (MARX ; ENGELS, S/D)*

*Soa a hora final da propriedade capitalista. Os expropriadores são expropriados. (MARX, 1984)*

*Está próxima a hora da fundação da república mundial dos soviets. (LÊNIN, 1978)*

Apesar de não haver dúvidas de que a sobrevivência do capitalismo se prolongou por um período maior do que haviam previsto os dois fundadores do Partido Comunista Alemão e da I Internacional e um dos fundadores do Partido Bolchevique, procuraremos discutir neste texto alguns obstáculos que podem ter dificultado e podem ainda estar dificultando a realização da revolução socialista mundial. Antes disso, entretanto, vejamos, de maneira ainda introdutória, o que teria levado Marx e Engels à conclusão da inevitabilidade da superação do capitalismo.

## AS CONDIÇÕES OBJETIVAS GERAIS DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA

Para Marx e Engels, em meados do século XIX, as condições objetivas, aquelas que independem da vontade dos homens, aquelas que resultam das contradições entre as forças produtivas e as relações de produção, não representavam qualquer impedimento à revolução socialista mundial. As relações de produção capitalistas, que haviam sido responsáveis por desenvolver as forças produtivas num ritmo jamais visto antes haviam se transformado num bloqueio a esse desenvolvimento. (MARX ; ENGELS : S/D) “A sociedade burguesa [...] assemelha-se ao feiticeiro que já não pode controlar os poderes infernais que invocou”, tornando-se muito estreita para conter as forças produtivas desenvolvidas em seu seio, afirmaram eles em 1848.(IDEM) As forças produtivas impulsionadas pelas relações burguesas excederam em muito o invólucro capitalista, reafirmou Marx em 1867. (MARX, 1984). Cada crise do capital provoca a destruição dos recursos naturais, o desperdício dos instrumentos de trabalho e, sobretudo, a degradação da principal força produtiva, a força de trabalho.

A destruição das forças produtivas imposta pelas relações capitalistas de produção com o advento das crises econômicas a partir da primeira metade do século XIX é um dos fundamentos da afirmação de Marx e Engels a respeito do amadurecimento das condições objetivas para a revolução socialista. De estímulo das forças produtivas, o capitalismo passou a representar um bloqueio a elas, o que tornou este modo de produção anacrônico e necessariamente superável. Assim como as relações de produção feudais tiveram que ser necessariamente superadas pelo capitalismo a partir do século XVI a fim de libertar as forças produtivas presas por aquelas relações, pela mesma razão, a partir do século XIX, as relações capitalistas deveriam ser superadas, pois passaram a travar o desenvolvimento das forças produtivas. A mesma lei da necessidade de desenvolver as forças produtivas tornou-se, paradoxalmente, a justificativa do nascimento e, ao mesmo tempo, da morte do capitalismo.

Se essas condições objetivas já estavam maduras em meados do século XIX, um século depois elas já não estavam apenas maduras, mas começavam a apodrecer. Essa é a preocupação levantada por Trotsky no *Programa de transição*, lançado em 1938. De acordo com esta perspectiva, a barbárie capitalista estaria avançando a passos largos. De qualquer maneira, para o propósito deste texto, interessa perceber que tanto para Marx e Engels quanto para Trotsky os motivos que têm impedido a vitória definitiva do proletariado mundial sobre a burguesia não estão ligados a uma suposta imaturidade das condições objetivas.

Se as condições objetivas não têm representado um obstáculo à revolução socialista desde meados do século XIX, o que estaria impedindo a conquista do poder pelos trabalhadores em todo o mundo? Seria uma crise de direção da classe trabalhadora? A ausência da revolução mundial seria fruto da incapacidade da classe trabalhadora em compreender e assumir na prática um programa revolucionário?

Para Lênin e Trotsky o problema é outro. Em 1902, em polêmica com os economicistas, Lênin pergunta: “por que o operário russo manifesta tão pouca atitude revolucionária?” E adverte Lênin de maneira precisa: “A culpa é nossa, de nosso atraso em relação ao movimento de massas”. (LÊNIN, 1978) Assim, a responsabilidade do atraso da consciência do proletariado é, segundo Lenin, da direção revolucionária.

Trotsky segue a mesma direção de Lênin ao considerar que o bloqueio à revolução socialista seria decorrente fundamentalmente da insuficiente capacidade das direções revolucionárias em conduzir o proletariado ao poder. Assim afirma Trotsky: “A crise histórica da humanidade reduz-se à crise da direção revolucionária”. (TROTSKY, 2009)

Seria casual a identidade entre Lênin e Trotsky ao conferirem à direção revolucionária a responsabilidade pelo atraso da consciência do proletariado? Esta formulação teria sido original dos dois líderes soviéticos? Ou, em sentido contrário, esta perspectiva faria parte de uma tradição teórica? Vejamos mais de perto esta questão à luz da tradição dialética.

## **A CONSTRUÇÃO DAS CONDIÇÕES SUBJETIVAS: O PAPEL DA DIREÇÃO NA TRADIÇÃO DIALÉTICA**

### **Os *Diálogos* de Platão**

A discussão das dificuldades da relação entre a direção e o restante dos trabalhadores não é recente. Ela nos remete às origens da dialética, que, segundo Hegel, estariam nos *Diálogos* de Platão. Antes de tudo, é importante observar que os *Diálogos* são escritos como diálogos, isto é, há sempre neles uma *relação* entre dois ou mais interlocutores. (BENOIT, 2006) Em segundo lugar, ressalta-se que dos 29 *Diálogos* considerados autênticos, em 27 deles Sócrates é um interlocutor privilegiado. (IDEM) Qual seria o objetivo de Sócrates nestes diálogos? Que objetivo teria, nessa mesma direção, o próprio autor dos *Diálogos* ao escrevê-los? O objetivo seria superar a lógica da não contradição defendida pelo célebre filósofo Parmênides. Segundo esta lógica seria impossível realizar um diálogo entre aqueles que

sabem e aqueles que não sabem, ou, o que é mesmo, a relação entre a ciência e o senso comum seria irrealizável, ou ainda, não haveria como estabelecer uma participação entre o mundo das ideias, puro e isento de contradições, e o mundo sensível, repleto de contradições. (IDEM)

Durante a maior parte de sua vida, desde os 20 anos, quando se defrontou com Parmênides, até a sua morte com cerca de 70 anos, Sócrates procurou superar o famoso filósofo e superar, assim, a lógica da não contradição, tentando fundar uma nova ciência, a ciência da contradição, a ciência negativa, a ciência da dialética.

Esta nova ciência teria alguma função prática? Na perspectiva de Sócrates, a dialética seria o método necessário para superar a sociedade escravocrata grega. Esta busca fica explícita no diálogo *A República*, onde Sócrates e seus interlocutores procuram projetar uma nova cidade.<sup>1</sup> Seria impossível realizar essa difícil tarefa sem resolver o problema da relação entre a direção e a base dos trabalhadores. Este é o tema da famosa “alegoria da caverna”.

Dando início à cena dramática, diz Sócrates: “Suponhamos uns homens numa habitação subterrânea em forma de caverna, com uma entrada aberta para a luz que se estende a todo o comprimento dessa gruta”. (PLATÃO, 2005) Estes homens “estão lá dentro desde a infância, algemados nas pernas e nos pescoços, de tal maneira que só lhes é permitido permanecer no mesmo lugar e olhar em frente. São incapazes de voltar a cabeça, por causa dos grilhões”. E continua Sócrates descrevendo o drama dos prisioneiros: “serve-lhes de iluminação um fogo que se queima ao longe, numa elevação, por trás deles. Entre a fogueira e os prisioneiros há um caminho ascendente, ao longo do qual se construiu um pequeno muro”. Atrás desse muro os homens transportam objetos que ultrapassam sua altura. As sombras desses objetos são projetadas na parede do fundo da caverna, assim como o eco das vozes dos homens que os transportam. Os prisioneiros que estão dentro da caverna, por sua vez, por não conseguirem virar o corpo nem a cabeça para a abertura da caverna, acabavam considerando as sombras e o eco das vozes daqueles que transitavam lá fora como se fossem toda a realidade. As sombras seriam a verdade para eles. Suas consciências, fruto de suas precárias condições de existência, eram alienadas, separadas da verdade.

Sócrates supôs então que alguém soltasse um dos prisioneiros e “o forçasse a endireitar-se de repente, a voltar o pescoço, a andar e a olhar para a luz”, arrastando-o pelo caminho rude e íngreme em direção ao exterior da caverna. Não seria normal, pergunta

---

<sup>1</sup> O diálogo *A República* transcorreu na casa de Polemarco, onde encontram-se, além de Sócrates, o anfitrião e seus irmãos, Lísias e Eutidemo, assim como Glauco e seu irmão Adimanto, Trasímaco, Carmântidas e Clinofonte. (PLATÃO, 2005)

Sócrates, que o prisioneiro, acostumado com a penumbra e com sua postura anterior, sentisse dor e resistisse a aceitar a nova condição? Não seria normal que ele recusasse a ideia de que os objetos que estavam fora da caverna fossem os verdadeiros objetos? Nesse primeiro momento fora da caverna, ainda desacostumado com a luz, não pareceriam mais nítidas para ele as sombras dos objetos do que os próprios objetos? Por isso, mesmo estando fora da caverna, o prisioneiro insistiria, inicialmente, a olhar para as sombras. Somente depois de ter se habituado com a luz olharia para os próprios objetos. Passado certo tempo, após maior experiência com a luz, o ex-prisioneiro conseguiria, finalmente, contemplar o brilho do sol.

Este homem, ao sofrer esta dolorosa experiência de saída da caverna que o levou a descobrir a verdadeira realidade antes oculta, não poderia assumir o papel de dirigente dos demais prisioneiros que permaneciam na caverna? Não seria ele capaz de conduzir os seus companheiros presos à liberdade? Não estaria Sócrates, desse modo, fazendo referência à necessidade de construir uma direção dos trabalhadores escravizados nas minas da Grécia clássica na perspectiva de fundar uma nova cidade que estava sendo projetada no diálogo *A República*?<sup>2</sup> A sequência da alegoria parece confirmar esta hipótese.

Sócrates supôs, então, que esse homem “descesse de novo para o seu antigo posto. Não teria ele os olhos cheios de trevas ao regressar subitamente da luz do sol” à penumbra da caverna? Esta dificuldade em adaptar-se não causaria o riso dos demais? Não diriam que, “por ter subido ao mundo superior, ele teria estragado a visão, e que por isso, não valeria a pena tentar a ascensão?”

Como não ver nesta cena dramática exposta por Sócrates a descrição da dificuldade de reconhecimento por parte dos trabalhadores comuns em relação aos trabalhadores revolucionários, aqueles que já desvelaram os enigmas das sombras que ofuscam a maioria dos trabalhadores? De fato, a dificuldade de espelhamento entre a direção e a classe trabalhadora torna-se ainda mais evidente na sequência do texto, embora agora o sentido seja inverso. Sócrates afirma que não seria de admirar se aquele que subiu também dificultasse a sua relação com os que permaneceram na caverna. Não seria de admirar se, ao conhecer a realidade em sua rica multiplicidade, ao se libertar da monotonia do fundo da caverna, aquele que saiu não quisesse mais tratar dos assuntos mesquinhos dos homens, mas, ao contrário, se

---

<sup>2</sup> Esta interpretação, que vê em Sócrates um revolucionário, contraria, evidentemente, as concepções hegemônicas da tradição filosófica ocidental, que procuram, não por acaso, ocultar este perigoso e nefasto caráter do sábio grego. Ora, a luta de Sócrates contra a sociedade escravocrata grega não poderia ter sido uma das razões (senão a principal) de sua condenação à morte pelo fórum de Atenas?

esforçasse sempre em manter a sua alma nas alturas. Sócrates está observando que o problema da ausência de diálogo entre a direção e a classe trabalhadora é resultado de um duplo estranhamento, tanto dos trabalhadores em relação à direção quanto desta em relação àqueles.

Diante deste quadro dramático, Sócrates conclui, de maneira brilhante: “a educação não é o que alguns apregoam que ela é. Dizem eles que educar seria introduzir conhecimento em alguém que não o possui, como se introduzissem a vista em olhos cegos”. Não, diz Sócrates, educar não é isso. Para Sócrates, educar é desviar a vista ofuscada de alguém para um objeto que lhe é visível naquele momento. Se a luz demasiada ainda ofusca a vista do educando, o educador deve, mesmo sabendo que a sombra é falsa, desviá-la momentaneamente para lá, para, depois que a vista do iniciante já tenha se acostumado com a luz, possa enfrentar seu brilho. O educador estaria, desse modo, respeitando os limites do educando, limites que decorrem de sua própria condição de vida. A verdade não é algo dado, não é um conhecimento que possa ser introduzido na cabeça de alguém. A verdade é um processo, um caminho permeado de falsidade. Para alcançar a verdade é preciso afirmar o falso, pois, como diz Hegel, o falso faz parte do verdadeiro.

Eis aqui na alegoria da caverna a expressão de um dos principais problemas da dialética, que persiste há mais de 2.300 anos: superar a lógica de Parmênides, a lógica hegemônica numa sociedade de classes, a lógica que não admite a contradição no mundo das ideias. Há mais de 2.300 anos, o desafio do método dialético é estabelecer, na prática, um diálogo entre níveis de consciência diferentes, entre aqueles que saíram da caverna e aqueles que permanecem dentro dela.

Este é o mesmo problema enfrentado por Lenin e Trotsky. Não por acaso, é o mesmo problema enfrentado pelas direções revolucionárias atualmente. Como, afinal, realizar a dialética? Quem é o maior responsável em encontrar a forma dialógica capaz de impulsionar os prisioneiros à ruptura com a caverna que os domina? A responsabilidade seria destes mesmos prisioneiros? Não, diria Sócrates! Os prisioneiros que ficaram na caverna não são os responsáveis. A alienação dos trabalhadores é fruto das suas condições de existência. Seria um erro responsabilizá-los por condições às quais eles foram forçados a viver. O responsável por estabelecer um diálogo é aquele prisioneiro que já saiu, aquele que compreende a realidade fora da caverna, que representa, para nós, a direção revolucionária.

Como se vê, Lênin e Trotsky faziam parte de uma milenar tradição, a tradição dialética, uma tradição que, além de Hegel, conta com outro célebre filósofo, seu seguidor na

juventude, Karl Marx. Vejamos, então, a forma como Marx trata a relação dialética entre a direção e a classe trabalhadora em *O Capital*.

### ***O Capital de Marx***

Assim como nos *Diálogos* há diversos interlocutores e um interlocutor privilegiado, Marx também cria interlocutores em *O Capital*, e dá igualmente o privilégio a um deles. Quem seria este interlocutor privilegiado na obra madura de Marx? Vejamos.

Mesmo tendo compreendido a essência da sociedade capitalista, mesmo depois de ter desvelado a origem violenta deste modo de produção manifestada na separação entre os trabalhadores e os meios de produção, Marx realiza o descenso dialético para iniciar um longo e paciente processo de exposição do Livro I. Inicia utilizando a linguagem do trabalhador comum, para quem a vida se reduz quase exclusivamente a uma corrida frenética em busca de dinheiro para comprar as mercadorias necessárias à sua sobrevivência.

Apesar de Marx saber que a classe trabalhadora somente se emancipará do jugo do capital quando superar a propriedade privada dos meios de produção, mesmo sabendo que a classe trabalhadora somente se libertará quando expropriar os capitalistas que a expropriara desde a origem do capitalismo e continuam a expropriando violentamente, somente quando a classe recuperar novamente para si a propriedade dos meios de produção por ela produzidos, apesar de saber disso, Marx expõe essa violência originária somente no final e inicia o Livro I pelas formas mais falsas, imediatas, ilusórias e aparentes, as formas mercadoria e dinheiro, (BENOIT, 1996) por serem estas as formas com as quais os trabalhadores se relacionam cotidianamente para sobreviver. O trabalhador observa curioso o relacionamento enigmático dessas formas entre si, pois dessa relação entre as coisas depende a sua sobrevivência. Por exemplo, a quantidade de mercadorias que ele conseguirá comprar com seu salário depende da taxa inflação, ou, o que é o mesmo, da relação entre as mercadorias e o dinheiro. A taxa de juros, ou a relação entre o dinheiro emprestado pelo prestamista e o dinheiro a ser pago pelo mutuário, isto é, a relação de um dinheiro com outro dinheiro, determinará quanto o trabalhador pagará pelo dinheiro que faltou para ele sobreviver. A vida do trabalhador é dominada pela relação entre estas coisas, dinheiro e mercadoria. É por isso que elas o enfeitiçam.

Como se vê, Marx inicia *O Capital* abordando os problemas imediatos que afligem o trabalhador no seu cotidiano. Fazendo uma analogia com a alegoria socrática, é como se

Marx, ao compreender a essência violenta da expropriação originária dos trabalhadores, tivesse saído da caverna, para depois descer até os trabalhadores e estabelecer um diálogo com eles, respeitando o seu nível de consciência, uma consciência enfeitiçada pelas mercadorias e pelo dinheiro.

Marx inicia, então, o movimento de ascenso junto com os trabalhadores, e observa que há uma mercadoria especial, a única mercadoria que restou para o trabalhador vender, a sua força de trabalho. Ela foi a única que restou ao trabalhador assalariado devido justamente ao fato de seus ancestrais terem sido violentamente expropriados. Por não possuir os meios de produção necessários para produzir a sua subsistência, a classe trabalhadora, para conseguir sobreviver, é obrigada “levar sua própria pele” ao seu local de trabalho, ou, nas palavras de Marx, “levar a sua pele ao curtume”, pois lá sua pele será esfolada. Que vida sem sentido a do escravo grego e a do “de escravo moderno”, o trabalhador assalariado! Alienados (separados) dos meios de produção, ambos têm sua consciência alienada (separada da essência da realidade), vivendo iludidos pelas sombras, que assumiram, no capitalismo, as formas mercadoria e dinheiro.

Para Marx, o problema é como a classe trabalhadora poderá superar este feitiço, ou nas palavras de Sócrates, como poderá sair da caverna. Marx assume a tarefa de dirigente revolucionário em *O Capital*, descendo até a consciência mais atrasada da classe trabalhadora para percorrer um processo de ascenso junto com a classe. Depois de contemplar as sombras ilusórias das mercadorias e do dinheiro, Marx convida o leitor a sair desse mundo ilusório das mercadorias e entrar para a instância da produção: “Abandonemos (...) essa instância ruidosa da circulação, acessível a todos os olhos, e entremos para o local oculto da produção”. (MARX, 1984)

Depois de entrar na instância a produção, Marx, aplicando a dialética de maneira precisa, dá a voz à organização interna dos trabalhadores, expressa num comitê de greve da construção civil de Londres que lutava para conquistar uma lei que garantisse uma jornada de trabalho máxima de 10 horas diárias.<sup>3</sup> Ou seja, a classe trabalhadora “levanta a sua voz”, inicialmente, “de maneira instintiva” e espontânea, para se defender da ânsia do capital por aumentar a mais-valia.

---

<sup>3</sup> Ao dar a voz a um comitê de greve, fica claro quem é o interlocutor privilegiado para Marx. Trata-se da classe operária em luta e organizada no interior do local de trabalho. Aqui fica claro que o convite feito por Marx para o leitor entrar para a instância da produção significava uma indicação do dirigente Marx de que a classe deveria se organizar dentro da fábrica. A maior confirmação desse lugar privilegiado dado por Marx à classe operária está num trecho do Posfácio à Segunda Edição d'*O Capital*, onde ele diz: “a compreensão que *O Capital* rapidamente encontrou em amplos círculos da classe operária alemã é a melhor recompensa de meu trabalho”. (MARX, 1984)

No entanto, no final do capítulo VIII, depois de ter dado um enorme espaço para os trabalhadores em *O Capital*, Marx torna-se irônico com eles, ao utilizar um trecho do poema *Eneida*, de Virgílio, que diz: “*Quantum mutatus ab illo!*” (MARX, 1984) (Que grande mudança!) Para Marx, a conquista de uma limitação legal para a jornada de trabalho não significaria uma grande mudança para a classe trabalhadora.

Que significado teria essa ironia? Depois de décadas de luta, não seria crueldade de Marx desprezar a conquista dos trabalhadores ingleses? Na nossa interpretação, a ironia seria um instrumento para instigar o leitor a continuar lendo, pois Marx demonstrará que é preciso se defender de outras formas de aumentar o grau de exploração da força de trabalho, como a diminuição do valor do salário (capítulo X), assim como o aumento da intensidade do trabalho (capítulo XII). A ironia é um instrumento utilizado pelo Marx dirigente revolucionário que, assumindo o papel de agitador, estimula a classe a continuar a luta por outras reivindicações econômicas. Observe que apenas três palavras bastam para Marx instigar a classe a continuar a luta: Que grande mudança! Aí reside a arte da agitação política, resumida por Lênin como a arte de falar “poucas palavras para muitas pessoas”. (LÊNIN, 1978) A agitação é a forma da direção realizar o descenso até a classe. Para isso existe um método, o método dialético.

Como se vê, Marx considera que a luta econômica é um momento da luta pela expropriação dos expropriadores. Por meio da luta econômica a classe trabalhadora poderá ir ganhando experiência, consolidando suas organizações e desenvolvendo a sua consciência. Parafraseando Sócrates, a luta econômica poderia, dependendo de como for conduzida, representar os primeiros passos no “caminho rude e íngreme” da luta de classes, o caminho de saída da caverna.

Trata-se da paciência do conceito, como afirmou Hegel, isto é, o processo paciente através do qual o conceito, como pressuposto, vai se expondo. O modo de exposição dialético do Livro I d’*O Capital* demonstra o papel da direção na condução da classe trabalhadora, desde a sua situação imediata de enfeitiçamento quase absoluto, até o momento da revolução, da expropriação dos expropriadores.

Apesar do importante papel exercido pela direção assumido pelo próprio Marx em *O Capital*, o impulso inicial da luta dos trabalhadores não é necessariamente provocado por ela. Marx chama a atenção disso quando afirma no capítulo VIII do Livro I d’*O Capital* que o “movimento dos trabalhadores surge instintivamente em ambos os lados do Atlântico”. (MARX, 1984) Em qualquer país do mundo, seja de um lado ou de outro do Oceano

Atlântico, seja um país atrasado ou adiantado, o movimento dos trabalhadores contra o capital tende a surgir espontaneamente, impulsionado pelas contradições imanentes ao capitalismo.

Mas o que, afinal, poderia provocar a explosão espontânea das massas? Qual dentre as inúmeras contradições de classes, “estalará o gelo”, “abrirá a brecha” da luta de classes, para usar expressões de Lênin? (LÊNIN, 1978) O próprio Lênin responde:

Nós não sabemos, nem podemos saber, qual é a fagulha – nesta massa de fagulhas que atualmente cintilam por todo o lado e em todos os países, sob a influência da crise econômica e política mundial – que poderá atear o incêndio provocando o despertar das massas [...] hoje ainda adormecidas.  
(IDEM)

Segundo Lênin, até mesmo uma mera crise parlamentar pode, em certas ocasiões, servir como o estopim de uma crise revolucionária.

Neste mesmo sentido, Trotsky admite a impossibilidade de enumerar todas as reivindicações que podem colocar a classe em movimento, (TROTSKY, 2009) por serem elas as mais variadas, dependendo das condições específicas enfrentadas pelos trabalhadores.

Como se vê, não se trata de desprezar a espontaneidade das massas, por um lado, nem o papel da direção, por outro. Não se trata, portanto, de ignorar qualquer um dos dois polos da contradição indispensáveis ao ascenso da classe. Trata-se, acima de tudo, de buscar estabelecer uma relação dialética entre estes dois polos contraditórios: a ação espontânea das massas e a ação consciente e planejada da direção. Para que a direção tenha a capacidade de influenciar a classe e conduzir o levante espontâneo no sentido da “expropriação dos expropriadores” é necessário, antes de tudo, que ela seja reconhecida pela classe enquanto tal, enquanto direção.

A questão chave é como construir este reconhecimento. Desde a alegoria da caverna, trata-se de descobrir de que maneira o prisioneiro que saiu conseguiria ser reconhecido por seus camaradas como alguém que eles deveriam seguir. Em *O Capital*, como vimos, Marx lança mão do recurso da ironia para que o leitor (a classe operária) continue a leitura até o final do capítulo XXIV e se prepare, assim, como membro da classe trabalhadora, para expropriar os expropriadores. Para que o leitor continue a ler *O Capital* é preciso que este reconheça Marx como alguém que tem algo importante a lhe dizer. Para conquistar esse reconhecimento, Marx teve que descer ao nível de consciência da classe.

Como se vê, esta noção de “reconhecimento” ou de “espelhamento” entre a direção e a classe é muito cara a toda a tradição dialética. De acordo com esta tradição, o sujeito somente se reconhece a si mesmo *na relação* com o outro.<sup>4</sup> A questão fundamental para a direção seria, portanto, conseguir estabelecer uma *relação* com a classe capaz de construir o reconhecimento mútuo, e assim, construir um nível de comprometimento mútuo entre a direção e a classe a fim de ir ganhando experiência e percorrendo seu caminho para fora da caverna.

Como se vê, a direção precisa *descer* para *participar* da experiência de *ascenso* da classe trabalhadora, processo esse que, segundo Sócrates, exige várias descidas e subidas. (BENOIT, 2006) Trata-se do problema já apontado por Parmênides da dificuldade (que para ele consistia numa impossibilidade) da participação entre os níveis de consciência.

## **A EXPERIÊNCIA DOS TRABALHADORES: IMPORTÂNCIA E LIMITES**

Assim como Marx deu a voz a um comitê de greve em *O Capital*, Lênin, em completa sintonia com Marx, propôs em *Que fazer?* a elaboração de panfletos e jornais que abrissem espaço para os operários manifestarem livremente sua situação no interior das fábricas. (LÊNIN, 1978)

Lênin comenta que essa “literatura” de denúncias internas tem uma enorme repercussão não apenas na fábrica de onde a denúncia provém, mas em todas as fábricas nas quais ela chega, uma vez que as necessidades e as carências dos operários de diferentes empresas têm muito em comum, e por essa razão, “a verdade sobre a vida operária’ entusiasma a *todos*”. (IDEM) A agitação de denúncias internas desenvolve, segundo Lênin, uma verdadeira paixão nos operários por “aparecer em letras de forma”. (IDEM) Para o líder bolchevique, essas denúncias de escândalos internos às fábricas, “se convertem em *ponto de partida* para despertar a consciência de classe, para *iniciar* a luta sindical e a difusão do socialismo”. (IDEM) (grifos nossos)

Apesar de muito importantes, Lênin deixa claro que a prioridade às denúncias internas às fábricas consiste apenas no *ponto de partida*, no *início* da luta sindical. Isso fica claro quando ele observa que em 1894, momento no qual as forças dos socialdemocratas “eram

---

<sup>4</sup> No diálogo *Alcibíades* é exposta a ideia de que o amante só reconhece a si mesmo nos olhos de seu amado, que servem como um espelho de sua imagem. Na *Fenomenologia do Espírito* Hegel afirma que o senhor somente se reconhece como senhor na relação com o escravo. Em *O Capital* o linho somente reconhece o seu valor de troca na relação com o casaco, que serve de espelho para o valor do linho, assim como um operário somente pode se reconhecer enquanto tal mediante a relação com o capitalista.

realmente mínimas, era natural e legítima a decisão de nos envolver completamente no trabalho entre os operários e de condenar severamente todo o desvio desta linha, pois nossa tarefa se restringia a nos consolidarmos no seio da classe operária”. (IDEM)

Desse modo, o início do desenvolvimento da consciência de classe do operariado, seu ponto de partida, como diz Lênin, se dá, em grande medida, como resultado da troca de experiências entre os operários, relação esta estimulada pela direção por meio dos jornais, panfletos, etc. O papel da direção nesse momento inicial de sua relação com a classe operária é o de garantir a produção destes materiais, cuja função é educar a classe trabalhadora, uma educação do ponto de vista sócrático, isto é, não como o ato de colocar um conhecimento em alguém, mas a ação de conduzi-lo por um caminho que ele já esteja apto a percorrer, um caminho que lhe permita viver uma nova experiência, através da qual a sua consciência pode ir se transformando. Isso vale tanto para o indivíduo como, especialmente, para a classe operária como um todo.

Mas isso é apenas o início, o ponto de partida do processo de luta e, conseqüentemente, do desenvolvimento da consciência da classe operária. Quando estiver amadurecida a relação entre a classe operária e sua direção, quando já houver “se incorporado ao movimento uma massa gigantesca de forças” teremos condições para dar o próximo passo, teremos, como observou Lênin, “força suficiente para levar nossa propaganda e nossa agitação a *todas* as classes da população”. (IDEM)

Como se daria essa ampliação da ação da classe operária a todas as classes que enfrentam a burguesia? Para Lênin isso se daria por meio da divulgação de denúncias políticas, denúncias de toda e qualquer arbitrariedade imposta pelos capitalistas e pelo governo a todo e qualquer segmento da classe trabalhadora, além de setores pequeno-burgueses.

Somente assim a classe operária seria capaz de desenvolver uma consciência superior à mera consciência sindical e ir se forjando para dirigir os demais setores. Nesse sentido, Lênin adverte que “não se pode deixar os operários à sua própria sorte”, lutando apenas por seus interesses imediatos, pois, desse modo eles “não serão capazes de superar uma consciência *trade-unionista*,” (IDEM) isto é, uma consciência meramente sindical. Com base nisso, restringir as denúncias àquelas internas às fábricas seria apropriado apenas nos momentos nos quais a direção ainda não tivesse conquistado uma influência significativa na classe operária. Depois que a direção tiver se fortalecido por meio do ingresso de um grande

número de operários no movimento, depois que tiver acumulado forças, seu papel é colocar os operários em contato com outros setores não operários.

Trotsky propõe o mesmo caminho. Seguindo a tradição dialética, o *Programa de Transição* traça uma perspectiva do desenvolvimento da luta de classes que inicia no interior das fábricas, com greves, seguidas de greves com ocupação de fábricas, com seus piquetes e comitês de greve, que podem assumir um caráter permanente nos comitês de fábricas. Por meio de sua própria experiência e dirigidos por sua direção, os operários vão dando o rumo para os setores não operários, o rumo da construção dos comitês para defender suas reivindicações.<sup>5</sup> Mas a construção dos comitês não é suficiente. Estes sentirão falta de uma coesão, que é garantida, finalmente, pela criação dos conselhos (ou soviets). (TROTSKY, 2009) Todo este processo, desde a criação dos comitês locais até a formação dos conselhos em âmbito nacional, corresponde à construção de uma dualidade de poder. “Ninguém propôs, até agora”, observou Trotsky, referindo-se aos soviets, “alguma outra forma de organização, e é duvidoso que se possa inventá-la”. (TROTSKY, 2009) Trotsky está apenas reafirmando a perspectiva de Lênin, que, em 1922, ou seja, 16 anos antes do lançamento do *Programa de Transição*, já havia defendido a universalidade dos soviets. (LÊNIN, 1978) Aparece aqui o peso de uma tradição, a tradição dialética. Mais de meio século antes, Marx e Engels já haviam proposto a construção da dualidade de poder: “ao lado dos novos governos oficiais, os operários deverão constituir imediatamente governos operários revolucionários, seja na forma de comitês ou de conselhos municipais, seja na forma de clubes operários ou de comitês operários (...)” (MARX ; ENGELS, S/D) Nessa mesma direção, há mais de 2.300 anos o velho ateniense do diálogo *Leis* de Platão já expunha um processo transitório no qual os hoplitas, *em conselho*, elegeriam os comandantes dos hoplitas, os arqueiros dos arqueiros, os cavaleiros dos cavaleiros, os marinheiros dos marinheiros (BENOIT, S/D).<sup>6</sup> Como se vê, os conselhos como órgãos de uma dualidade de poder não é uma proposta trotskista, nem mesmo leninista, tampouco exclusivamente marxista. Esta estratégia é o resultado histórico da luta pela superação da sociedade de classes, desde o escravismo grego, estratégia teorizada originalmente por Platão.

---

<sup>5</sup> A esse respeito ver BENOIT, H. “Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa”. In: *Revista Crítica Marxista*, nº 4, São Paulo: Xamã, 1997 e DILLENBURG, F.F. “Sobre uma estratégia da revolução proletária. In: MIRANDA, D.E.R ; SILVA, J.C. Trabalho, trabalhadores e capitalismo no século XXI. Campo Grande : Editora UFMS, 2014.

<sup>6</sup> Que estreita relação há entre essa perspectiva apontada pelo velho ateniense e a deserção dos soldados no *front* russo da I Guerra Mundial, instigada pelos bolcheviques, e seu “ascenso” rumo aos soviets, onde puderam eleger seus comandantes.

Voltando ao desenvolvimento da agitação pensada por Lênin, o jornal se estende, depois de um acúmulo de forças, das fábricas para outros setores. É muito importante perceber que, nesse movimento, o jornal não perde seu caráter imanente, isto é, nunca deixa de ser um espaço permanente de denúncias. A diferença em relação aos momentos iniciais é que as denúncias não são mais uma exclusividade dos operários. A possibilidade de denunciar se amplia a todos aqueles que enfrentam contradições antagônicas com a burguesia, diante de qualquer situação, enquanto trabalhadores, enquanto moradores, enquanto consumidores, etc. Todos passam a ter espaço no jornal para se manifestar. Nesse momento o jornal, que antes tinha um caráter exclusivamente operário, torna-se um jornal de toda a classe trabalhadora.

Não seria esse o significado contido no modo de exposição do Livro I d' *O Capital*, quando o operário, depois de vender a sua força de trabalho na instância da circulação e entrar para a instância da produção na seção II, depois de se organizar no local de trabalho formando comitês (seções III a VI), se dirige finalmente para fora da esfera da produção na última seção do Livro I, a seção VII? Não estaria Marx indicando a necessidade da classe operária, depois de ter se organizado em seus locais de trabalho, ampliar a organização para outros setores? A seção VII do Livro I não representaria, do ponto de vista organizativo, a saída da classe operária da instância da produção para influenciar toda a população?

Vimos que na tradição dialética é necessário iniciar a agitação pelo que está posto. Na medida em que a classe vai se mobilizando, na medida em que vai se envolvendo na luta, mesmo que seja, inicialmente, através de simples denúncias, a realidade posta pode ir se alterando. Esta mudança da realidade tende a modificar a consciência da classe. “Ao modificar a natureza o trabalhador modifica a sua própria natureza”, afirmou Marx em *O Capital*.<sup>7</sup> (MARX, 1984) A ação da classe operária organizada modifica as relações dentro da fábrica. A alteração das relações pode contribuir para transformar a consciência do operário individual. Quando um chefe se sente acuado por uma denúncia anônima que é divulgada no jornal, a realidade no interior da fábrica se modifica. O chefe se desmoraliza e perde, momentaneamente, parte de seu poder, ao mesmo tempo em que os operários se fortalecem, por terem encontrado algo em comum, como, por exemplo, o assédio realizado pelo chefe. Produz-se aí um avanço da consciência dos operários. Ela pode retroceder? Certamente pode. Seu avanço depende da continuidade da mudança da realidade. Nesse sentido, o papel da

---

<sup>7</sup> Na *Ideologia Alemã*, Marx e Engels também fazem referência ao processo de formação da consciência, quando afirmam que o homem produz a sua vida, se reúne, se reproduz e somente depois terá consciência disso. (MARX : ENGELS, 1989) De maneira análoga, poderíamos dizer que um operário faz uma denúncia, se envolve com o fechamento do jornal e somente depois de já ter realizado algumas tarefas sindicais tomará consciência de que está contribuindo com um trabalho revolucionário.

direção é utilizar o jornal aproveitando toda e qualquer oportunidade para expor as contradições da realidade imediata, expor aquilo que pode ser, mesmo que minimamente, transformado. Nesse movimento, o desafio permanente é trazer um número cada vez maior de operários para fora da caverna para construir uma organização de revolucionários.

Na contramão desta perspectiva, observa-se atualmente jornais de inspiração marxista sendo produzidos exclusivamente pela direção, fechados pela direção e distribuídos pela direção. O que resta para os operários é ler o jornal. Diante da ausência de diálogo, o resultado não poderia ser outro: ausência de movimento. A que conclusão pode chegar a direção? A classe é ignorante, alienada, não é capaz de nos entender. A que tradição estaria filiada esta conclusão? Esta resposta apenas confirmaria a vitória da lógica parmenideana sobre a lógica dialética, a lógica hegemônica das classes dominantes segundo a qual não é possível realizar o diálogo entre aqueles que sabem e aqueles que não sabem. Qual seria a conclusão baseada na tradição dialética? A direção não compreendeu suficientemente o método.

De fato, a forma como esses jornais chegam às mãos dos operários é muito semelhante à forma como um telejornal da mídia burguesa entra em sua casa ou como o padre ou pastor faz seu sermão. São formas totalmente externas, que produzem no operário uma postura passiva, inerte. Nessa sistemática, não é de estranhar que muitos operários sequer leem os jornais. Qualquer conteúdo exposto dessa forma perde muito ou a totalidade de seu possível caráter transformador. A igreja, os meios de comunicação de massa, assim como as direções conservadoras dos trabalhadores são coerentes ao utilizar essa forma de apassivamento dos trabalhadores, pois esse é o seu objetivo. Uma direção revolucionária não. Esta forma de agitação é estranha ao seu objetivo, aquele de estimular a classe trabalhadora a entrar em movimento.

A forma é indissociável do conteúdo. Nenhum conteúdo revolucionário pode ser agitado com êxito através de uma forma conservadora. Nenhum movimento será impulsionado por materiais veiculados por meio de enfações monólogos, onde quem fala é somente a direção, que, aliás, aparece frequentemente, de maneira arrogante, elogiando a si mesma.

Imaginemos esta postura sendo assumida pelo personagem de Sócrates. Que reação teriam aqueles que ainda não haviam saído da caverna caso aquele que saiu se vangloriasse de sua aventura? Isso produziria algum resultado no desenvolvimento da consciência daqueles que ficaram? Ao assumir essa postura, aquele que saiu conseguiria estabelecer alguma relação

de reconhecimento com seus antigos companheiros de trabalho? Marx provavelmente alertaria os trabalhadores que ficaram na caverna de que “não se julga o que um indivíduo é a partir do julgamento que ele faz de si mesmo” (MARX, 1978). Do mesmo modo, talvez Marx advertisse os trabalhadores para não acreditarem naquilo que uma organização diz de si mesma.

Por compreender o papel da direção de um ponto de vista dialético, Marx praticamente não aparece em *O Capital*.<sup>8</sup> O mesmo acontece nos *Diálogos* de Platão, nos quais o autor somente é citado quando está ausente. Seria uma espécie de presença ausente (BENOIT, S/D). Do ponto de vista político isso tem um enorme significado. Na agitação feita por Marx, já mencionada, ele próprio não aparece, mas utiliza um personagem, o poeta Virgílio. Platão faz o mesmo. Nessa mesma direção, para defender uma posição, o autor dos *Diálogos* cria personagens anônimos. No diálogo *Sofista*, por exemplo, surge inesperadamente o Estrangeiro de Eleia, cujo papel é nada menos que fundar a nova ciência da dialética. No diálogo *Leis* surgem outros três personagens anônimos: o cretense, o espartano e, especialmente, o velho ateniense. Este último defende a necessidade de realizar um processo transitório de construção de uma nova cidade na qual os bens dos *philoí* seriam comuns.<sup>9</sup> Desse modo, por trás de seus personagens, não estaria o próprio Platão realizando estas duas hercúleas tarefas, a de fundar a dialética e a de colocá-la em prática na construção de uma nova cidade? (BENOIT, S/D)

Mas, afinal, por que razão Marx e Platão criavam personagens em suas obras? Por que não assumiam, eles próprios, na primeira pessoa, as suas posições? A razão talvez seja de que, através do diálogo entre os personagens o autor pode expor, inicialmente, concepções contrárias às suas, para depois negá-las, e revelar, finalmente, por meio de um dos personagens, as suas próprias concepções. Desse modo o autor cria um espaço para que o leitor possa se identificar com um ou com outro personagem. Através do diálogo entre os personagens o autor abre um diálogo com o leitor, estabelecendo um campo para estabelecer uma influência, evitando, desse modo, uma postura dogmática.

---

<sup>8</sup> Em *O Capital*, são raríssimas as vezes em que Marx fala na primeira pessoa do singular. No capítulo I há uma dessas exceções, que serve, possivelmente, para confirmar a regra. Ao tratar da dualidade existente entre as noções de trabalho humano concreto e abstrato, Marx diz: “essa natureza dupla da mercadoria foi criticamente demonstrada pela primeira vez por mim”. (MARX, 1984)

<sup>9</sup> A noção de *philoí*, nesse caso, é mais profunda do que significado atual da palavra “amigo”. Trata-se daqueles que dependem uns dos outros para sobreviver por viverem todos na mesma comunidade. A expressão *philoí* contém de solidariedade, cumplicidade, compromisso mútuo.

Essa arte da dialética pode ser muito útil na agitação política.<sup>10</sup> Afinal, é possível comparar o autor de uma obra a uma direção, pois se pressupõe que ambos já saíram da caverna e têm algo a dizer. Um autor ou uma direção que utiliza a dialética como método evita expor antecipadamente os seus pressupostos, isto é, suas concepções. Estas vão sendo expostas com o avançar do processo de reconhecimento entre o autor e o leitor ou a direção e a classe.

Apesar das concepções do autor ou da direção não serem expostas desde o início, são elas que norteiam e conduzem todo o movimento da obra ou da agitação. Basta pensar nas denúncias que a direção do jornal operário recebe dos operários. A seleção das denúncias, o destaque maior ou menor a uma ou a outra, são algumas das formas da direção influenciar o movimento sem aparecer demasiadamente. Nesses momentos iniciais, o jornal *aparece* para a classe como sendo algo feito, até certo ponto, pela própria classe. Trata-se da diferença entre a aparência e a essência. Desse modo, o jornal *aparece* como algo produzido pela classe, mas, *na verdade*, não existiria sem a direção. É ela quem garante as entrevistas, a produção, a periodicidade regular, a distribuição e, sobretudo, o fechamento do jornal, que é o momento no qual se define seu conteúdo e sua forma finais. Na medida em que parcelas cada vez maiores da classe vão se envolvendo no movimento e ingressando para a direção, todo esse processo de produção do jornal vai sendo assumido por um contingente cada vez maior de operários. É nesse sentido que Lênin considera o jornal como um organizador coletivo. Com o trabalho em torno do jornal é possível reunir os trabalhadores numa ação imediata, um trabalho comum entre a direção e a classe, um trabalho que exige clandestinidade, pois os trabalhadores precisam permanecer no anonimato para garantir os seus empregos.

Como se vê, apesar de toda a teoria já elaborada a partir da experiência de luta prática da classe trabalhadora há mais de 2.300 anos, chegamos, infelizmente, ao século XXI sem termos realizado a perspectiva que para Marx, Engels e Lênin estava, por assim dizer, ao alcance da mão. Ao comemorarmos o centenário da Revolução Russa e o sesquicentenário da publicação do Livro I d'*O Capital*, é preciso reconhecer, com base na milenar tradição dialética, que o principal bloqueio à revolução socialista mundial é a dificuldade das direções revolucionárias de realizar o descenso dialético e dar os primeiros passos na condução da classe trabalhadora pelo “rude e íngreme caminho” da luta de classes em direção ao exterior da caverna.

---

<sup>10</sup>A dialética como arte está presente no diálogo *Leis* de Platão. O velho ateniense mostra como o integrante mais experiente dirige os demais integrantes do coro na representação dramática durante as festas dionisíacas, as festas organizadas em homenagem ao deus do vinho.

## BIBLIOGRAFIA

BENOIT, H. Sobre a crítica (dialética) de *O capital*. In: **Revista Crítica Marxista**, nº 3, São Paulo: Brasiliense, 1996.

\_\_\_\_\_. Sobre o desenvolvimento (dialético) do programa. In: **Revista Crítica Marxista**, nº 4, São Paulo: Xamã, 1997.

\_\_\_\_\_. **Sócrates : o nascimento da razão negativa**. São Paulo: Moderna, 2006.

\_\_\_\_\_. **A odisséia dialógica de Platão (S/D)**Campinas: Unicamp, Tese de Livre- Docência.

DILLENBURG, F.F. Sobre uma estratégia da revolução proletária. In: MIRANDA, D.E.R ; SILVA, J.C. **Trabalho, trabalhadores e capitalismo no século XXI**. Campo Grande : Editora UFMS, 2014.

DILLENBURG, F.F. ; NASCIMENTO, C.A. **Uma contribuição à leitura d'O Capital de Marx**. 2015 Disponível em: <[https://www.ifch.unicamp.br/formulario\\_cemarx/seleção/2015/trabalhos2015/Fernando%20Frota%20Dillenburg%20e%20Carlos%20Alves%209834.pdf](https://www.ifch.unicamp.br/formulario_cemarx/seleção/2015/trabalhos2015/Fernando%20Frota%20Dillenburg%20e%20Carlos%20Alves%209834.pdf)>.

LÊNIN, V. I. **Obras completas**. México: Akal, 1978.

MARX, K. **O capital. Crítica da economia política**. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

\_\_\_\_\_. **Marx. Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARX, K. & ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Obras escolhidas**. São Paulo: Alfa-Omega, s/d.

PLATÃO. **A república**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

TROTSKY, L. **O programa de transição.A agonia do capitalismo e as tarefas da Quarta Internacional**. São Paulo: Týmke, 2009.